

HAABAS

Drama em um Prólogo e dois Atos
de
Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes

Qualquer Coisa:

Saberá o leitor que a sorte do pobre Haabás interessou-me por tal maneira, que a noite passada realizei uma importante operação de crédito no pensar de certos economistas, isto é, antecipei o futuro. Assim, senhor, eu estava dormindo. Logo deitado e... Tive um sonho. Sou muito achacado desta moléstia; tenho tido mais de mil e um sonhos com as sabatinas e atos. Uma vez já sonhei que tinha morrido. Creio, e o leitor comigo, que desta vez não foi o sonho uma mentira, porque o leitor também crê que há de morrer, não se entristeça.

Estava eu em meu gabinete... (O impagável do Solano Constâncio rir-se-há do gabinete do estudante) Mas, estava eu em meu gabinete, isto em sonho, quando tive a honra de ser visitado pelas personagens cujas falas recomendo aos condenados do meu inferno *brando e amável, como Volnei diante das ruínas, entrou em meu gabinete* um sábio letrado de nossa terra. Vestia com simplicidade e tinha ares distraídos, se não estivesse no rigor da moda dir-se-ia Arquimedes no banho, com a diferença da alavanca, porque a do nosso literato era uma inseparável luneta que muito bem dizia, com o *laissez aller* do seu todo importante e preocupado. Depois de alguns *tiroteios* sobre literatura dramática em geral e a paciência do leitor em particular, entre mim e o desapiedado mentor deu-se o seguinte diálogo: O seu drama não pertence a escola alguma, punhal, sangue, furores, delírios, etc, etc, tudo é isso hoje coisa morta. *Campus ubi troja fuit!* O teatro não é mais o homem pela paixão, o espírito matou o coração e a filosofia tornou-se a musa. Além disso, seu herói embora a *ilustração* que lhe é concedida de quase sempre de arrojo de *eloquência homérica* é um orangotango metido na toga de um senador romano, e para não sair de Roma dir-lhe-ei que os outros dois bíblicos(?) debaixo de vestes consulares não passam de sagüis! E quanto ao vigário nada direi porque, como bem sabe o meu amigo, esta *família* é variadíssima. O *Henrique* é a sombra de um Rousseau, porém caricato e acanhado, *Maria*, uma simplória sem interesse, os outros são comparsas não acha; por isso não os levo em conta. Acho também originalíssima e inteiramente fora das vistas da arte a entrada em cena daqueles dois cães. Há sobretudo um defeito *obumbrante* e que classificarei de *impolítico*: a sua composição descansa sobre uma ficção repugnante - a virtude onde só há vício, querer enxergar humanidade onde só existe pura animalidade. Como tudo porém tem os seus *contras*, é certo que, isto é..., pode bem ser que..., quero dizer que..., mas com a franqueza que me é característica é este o juízo que, como literato imparcial e filósofo, tenho a dar-lhe sobre o *Haabás*, que espontaneamente faço, na qualidade de amigos que somos.

— Obrigado meu amigo, em nome da arte, eu me confesso pecador.

_ Adeus; entretanto não tem lá muitas razões para deixar de continuar, porque um futuro risonho o espera.

_ Oh! Quanto lhe sou agradecido!

Um conselho ao leitor: _ Não jejuar para não ter sonhos: um médico já me disse que o jejum é causa de sonambulismo.

Mal as palavras proféticas do literato tinham deixado de ecoar em meus ouvidos, quando sons terríveis, gesticulações leoninas, vieram arrebatá-lo a uma região de tremores e sustos. Era um político separatista, todo o homem era uma estátua da cólera. Desta vez não foi meu gabinete um gabinete, foi um parlamento. Ouvi um discurso sobre as bases carcomidas do estrato político, sobre as vésperas sicilianas e conseqüências de São Domingos! Uma apóstrofe de um sublime horroroso para o progresso e a civilização por conseqüência. Foi uma última razão do patriótico libelo. Sim, senhor! Obstucuí... ..

_ Dá licença?

_ Pode entrar. E sem demora eis-me enfrente do furioso Capitão Antonio que se pode sonhar.

_ Foi o senhor que escreveu o negro?

_ Não o compreendo.

_ Sim senhor. - O negro para o teatro.

_ Hum!... Penso que agora o entendo.

_ Pois é muito desaforo. O senhor escrever aquilo. Não entendo de filosofia, mas eu sou fazendeiro, Chamo-me Capitão Antonio: é desaforo!

_ E essa!... Que lhe parece, leitor? Perdão, eu não sabia que o senhor era o Capitão Antonio.

(FALTA O TRECHO FINAL DO TEXTO)

PERSONAGENS DO PRÓLOGO

- José Haabás - africano.
- Capitão Antonio - fazendeiro.
- Joaquim - agregado à fazenda.
- Bento - afilhado do Capitão Antonio.
- Justina - filha do mesmo.
- José e Manoel - africanos.
- uma criança.

PERSONAGEM DOS ATOS

- Haabás. — ~~HAABAS~~ Felipe.
- Justina.
- Fausto, marido de Justina.
- Maria, filha deste e de Justina.
- O vigário Luís, padrinho de
- Henrique, o enjeitado.
- José, africano.

PRÓLOGO

O teatro representa um bosque, deixando ver-se no fundo um caminho talhado no topo de uma montanha, ao sopé do qual existe uma pedra de tamanho conveniente.

CENA 1

HAABAS - *(entrando espavorido e trazendo na mão uma face ensangüentada)* Morta! Morta! Mas ele, o tirano, também morreu! Resta-me também o prazer de provar-lhe o sangue! *(trincando nos*

dentes o instrumento) Oh! Como é consolador beber o sangue do homem que nos envenena a vida no amor da mulher que amamos. Mimosa! Oh, Mimosa! Mulher do meu coração! Filha de Farô, picado pelo chicote do feitor, teu corpo será sepultado nas terras dos brancos! Mas, tua alma, como os cães do meu senhor, não me perseguirá por esses esconderijos, gritando-me vingança! Vingança para Mimosa, filha da Mirô! Não! Com a força deste braço, com o ferro desta faca, ao soltar-lhes o último suspiro eu matei o ladrão... Tua alma atravessou as águas e agora tu pisas as areias da Africa... Tu caminhas, caminhas, e tu agora assentas à sombras das palmeiras de Cambebo. Oh! como é belo, como és feliz rodeada de sombras de teus pais que te abraçam! Meu pai, o velho Amirô, e minha mãe, a bela Narina, per perguntam por mim, e ... Tu choras? Não chores, Mimosa! Que eu irei daqui a pouco ajudá-los a acender a fogueira dos matos sagrados; dançar na mesma rodas as danças do outro mundo! Sim! Contente! Ah! nesses bosques depois que o velho Simpi nos casou, foi que eu te dei o primeiro abraço, Mimosa!... Dança... e lava-te nessa água clara do Cambebo, três dias antes do casamento eu me purifiquei às vistas de nossos Deus; quando Ele , à pino nas águas, clareava a noite! Então eu era feliz! Eu tinha vencido nas guerras e Farô, meu pai, o rei de Cambebo, destinava para mim a coroa! Hoje?... A enxada, o trabalho, o chicote!... Brancos, que dizeis que o negro é feiticeiro! Que lhes ensinai a palavra do Cristo! Que dizeis que Ele morreu perdoando seus matadores! E que fez dos homens todos seus filhos, pelo amor e pela justiça, igualando-os perante a natureza e perante as leis! Brancos! Os negros não são homens?! Oh, como é consolador beber-se o sangue do homem que nos envenena a vida, o amor da mulher que amamos! (olhando para a faca) Oh! Eu tenho esta faca e ainda não matei a todos! (horrorizado de si) Não! Matar é um crime. Eu sou um criminoso! Eu matei! Eu fui covarde! Eu também devo morrer. Nas guerras de minha terra nunca matei assim! Oh! O homem que mata outro deve também matar-se! (vai ferir-se, porém detém-se pelo barulho que fazem no mato) São eles! São eles que me procuram para meter-me no tronco e depois retalhar-me no XXX(?). (esconde-se fora de cena)

CENA 2

Capitão Antonio, Bento e Joaquim, todos armados de espingardas e tendo este último um manguá. José Moçambique e Manoel Congo, negros armados de foice, dois cães trelhados os acompanham seguros por Joaquim.

JOAQUIM- (ainda fora de cena) Aqui eu descubro uma pisada mas não posso distinguir bem o trilho por causa de muita folha.

CAP. ANTONIO - (entrando) Então solte os cachorros para farejar.

JOAQUIM- (entrando e após ele os outros) Ainda não senhor patrão. Ainda não está bem seguir o rastro. O Destemido é um tonto, pqde sair seguindo algum veado e levar consigo Tróia.

CAP. ANTONIO - Então procuremos bem. Ah, patife se eu chego a te pilhar mando-te tirara as carnes na correia do chicote. Matar o melhor feitor que tenho tido! Não se sofre.

BENTO - Nem tanto, padrinho, eu dava mais por José Haabás do que pelo feitor. Era o melhor negro da fazendo, o mais inteligente, trabalhador e...

CAP. ANTONIO - (*arrebata*) E... o que? Era o mais danado diabo que eu tinha. Estas e outras devem servir de lição. Se o primeiro senhor daquele patife não tivesse tido com ele o luxo que só se deve ter com o filho, isso não havia de se dar. (*enumerando nos dedos*) Batizá-lo com o nome de um homem santo, dar-lhe por sobrenome o maldito nome que trouxe do inferno, mandá-lo aprender a ler, fazê-lo seu secretário, tratá-lo como se fora gente e... se não tivesse morrido de repente, teria forrado à essa endiabrada parelha, que por infelicidade minha, arrematei na praça. Aziago dia! Por isso morreu pobre. Bem feito lhe(?) seja também; consentir negros casados.

BENTO - Ora padrinho, o feitor foi também o culpado; ele, o que tinha que fazer com a mulher do pobre preto para viver perseguindo-a e porque ela nunca quis atendê-lo, surrá-la até matá-la! é crueldade.

CAP. ANTONIO - E... e... e... e... e... Cala-te bobo. Por isso tu tens muito. O outro bolas de teu pai, forrou os quatro peladinhos que tinhas e tu hoje andas de pé no chão. é muito bonito, estes tolos nunca hão de ter nada.

BENTO - Paciência, Deus me ajudará.

CAP. ANTONIO - Vá esperando.

JOAQUIM - Senhor meu patrão, eu desconfio que o satanás tomou para lá outra banda do rio, senão nós já tínhamos dado com o trilho.

CAP. ANTONIO - Pois bem, como a lua já está se pondo, vou-me embora; mas, antes quero dar minhas ordens para que o ladrão não me escape. é preciso dar um exemplo. Ei de tirar a pele daquele demônio e enterrá-lo vivo. Manoel Congo!

CONGO - Senhor.

CAP. ANTONIO - Espere que ainda não acabei de falar. José Moçambique!

MOÇAMBIQUE - (*submisso*) Senhor.

CAP. ANTONIO - Vocês querem ganhar a liberdade?

CONGO, JMX - Si senho, quer.

CAP. ANTONIO - (*à parte*) Ganhar mais há de ser chicote. (*alto*) Pois bem, vocês ficam livres e ganham terras de graça para trabalhar se prenderem José Haabás, ouviram?

CONGO, JMX - Sim senhor.

CAP. ANTONIO - Mas se eu desconfiar que vocês viram o ladrão e não o prenderam, mando dar uma novena de carro a cada um e depois vendo-os para o Rio Grande do Sul.

CONGO - Oh! Nós vendo ele, nós garra ele.

CAP. ANTONIO - Sim senhor, e se ele resistir matem.

CONGO e MOÇAMBIQUE - Sim senhor.

CAP. ANTONIO - Vocês, senhor Joaquim, vá com os cachorros para a outra banda do rio e se quiser grite para alguém na senzala o acompanhar. Empregue todos os meios para prender o ladrão que terá um boa gorjeta.

JOAQUIM- Não tem dúvida, fique o senhor Capitão na certeza de que ele não me escapa.

CAP. ANTONIO - é o que eu quero, adeus. Tu, Bento, vem comigo.

BENTO - Sim senhô. *(Capitão e Bento seguem por um lado, Joaquim e os cães por outro. Os pretos ficam).*

CENA 3

Os mesmos e Haabás

MOÇAMBIQUE - *(Deitando-se)* Oh! Este não tá bom!

CONGO - Psiu... Sinhô pode tá e nós fica perdido.

MOÇAMBIQUE - Eu não prende.

CONGO - E nós fica perdido. Eu não sabe *(indeciso)*

HAABÁS - *(Saindo do mato)* Não ficareis perdidos, eu estou aqui. *(Moçambique levanta-se e admirado olha para Congo)* Ouvi tudo. Eu estava ali bem perto. Não pretendia que o sol de amanhã me iluminasse mais a vida no torrão livre da América, como diz a gazeta. Pretendia daqui a pouco lançar-me ao rio, atravessar o mato e amanhecer na nossa terra. Pretendia, com os nossos pais e irmãos, que já morreram, dançar nas sombras das bananeiras de nossa terra as danças que vocês bem sabem. Pretendia afogar-me no Rio! *(Congo e Moçambique enternecidos, choram).*

CONGO - Nós qué também morrer com Haabás.

MOÇAMBIQUE - Sim, nós qué também amanhã vê nosso parente com Haabás.

HAABÁS - *(Austero)* Não, nunca! Ouvi tudo! Estou aqui: amarrem-me! Levem-me preso! Digam que eu resisti! Ele lhes prometeu a liberdade se me levassem preso. A vida para mim um benefício porque vivendo eu posso, meus irmãos, comprar-lhe a liberdade! Feliz que sou, riscando da frente de dois homens o ferrete negro do escravo! Já! Levem-me preso!

MOÇAMBIQUE - Não, nós qué também ir com Haabás dança na sombra. Sim, qué também com Haabás caminhá na areia quente do Congo!

HAABÁS - Nunca! *(Em êxtase)* Eu sou um criminoso! Todos os homens deviam também me matar! Porque matar outro homem é ofender a Deus! Porque tenho o inferno dentro de mim! Eu vejo diante de mim a figura do feitor! Oh! Como é não matar! Perdão, meu Deus! *(Tomando os dois pelas mãos)* Congo e Moçambique, o Deus de nossa terra é um Deus falso! O do branco é que é bom e verdadeiro! Eu sinto que ele está me castigando!... De joelhos! *(Ajoelham-se todos. Haabás leva as mãos para o peito e depois para o céu; os dois o imitam)* Lá no céu, não vedes aquela figura de Cristo dos brancos? Não vedes aquela Nossa Senhora tão boa como o Deus menino dos brancos no colo?

CONGO e MOÇAMBIQUE - Sim.

HAABÁS - Pois bem! Aqueles são os deuses verdadeiros, meus irmãos! Não vedes como Cristo, com a mão solta da cruz, abençoa o mundo? Perdoai meu crime, oh! Meu Jesus Cristo! Senão eu morro, e eu quero viver para vos adorar! Adorai só aquele Deus, Congo e Moçambique. Só ele é o Deus bom! Só ele morreu por nós!

CONGO e MOÇAMBIQUE - Só ele é o Deus bom, só ele morreu por nós!

lgm

lgm

Haabás
convidado

HAABAS - Quem morre não fica na terra. Quem é bom vai para lá onde ele mora, se é mau, se é como eu, vai sofrer o castigo! Ele não quer que nós nos matemos, nem matemos aos outros!

CONGO e MOÇAMBIQUE - Ele não quer que nós nos matemos, nem matemos aos outros.

HAABAS - Escravo! Obedecei ao seu senhor! Porque no céu será premiado!

CONGO - Escravo! Obedecei ao seu senhor! Porque no céu será premiado! *(Pequena pausa. Haabás levantando-se, o que fazem os outros)*

HAABAS - Então não quererem me levar preso?

MOÇAMBIQUE e CAP. ANTONIO - Não.

HAABAS - *(Comovido)* E se senhor souber, não dar e não vende vocês (?)

MOÇAMBIQUE - Paciência, nós obedece. Deus tá no céu, ele nos ajuda.

CONGO - Justo.

HAABAS - Sim. Congo e Moçambique, obrem sempre assim; não façam como eu porque Deus não quer. Vocês não vêm como estou sofrendo?

CONGO e MOÇAMBIQUE - *(Com a cabeça respondem afirmativamente)*

HAABAS - *(Choroso)* Abracemo-nos, meu irmãos. Tenham pena de mim, pelo crime que eu fiz. *(Abraçam-se)* Agora vão prá casa. Obedeçam ao nosso senhor. Queiram bem a ele e digam aos nossos parceiros o que vocês viram. Que queimem seus deuses de pau, que adorem o Deus dos brancos e que contentes sirvam a seus senhores.

CONGO e MOÇAMBIQUE - Sim, nós diz tudo.

(CENA 4)

HAABAS - Adeus. *(Muda e tristemente dão-se as mãos e despedem-se. Haabás angustiado e compassado na voz)* Sinto que esta cabeça se aumenta e que o coração, meu Deus, o que é que sinto neste coração depois que vos vi? Sinto que ele se lava numa água tão fresca como uma gota de orvalho que eu bebia nas folhas do gravatá da minha terra!... Sinto que ele não bate tão descompassadamente!... Mas, Mimosa!? Mimosa, a minha companheira de tantos anos?... Ela é feliz; deixou de sofrer! E eu por ela, já não sinto uma saudade tão brutal e desesperadora! Que mudança se há alterado em mim? A lembrança, a saudade da filha de Faró já é para mim um sentimento terno e amigo. A dor que eu sofro agora é outra... O Deus do mundo já me apareceu e já tomou amizade comigo. Eu o vi. *(Tirando a faca debaixo da jaqueta)* Terrível instrumento de minha infernal vingança! *(Estremecendo horrorizado)* Escurece-me a vista! Ela está muito vermelha de sangue!... *(Encaminha-se para o lugar da pedra, suspende e esconde a faca embaixo)* Que eu não te veja mais, figura do demônio!... *(Possuindo-se de horror, com receio de olhar para trás)* Que passos são esses que eu sinto acompanhar-me? Que respiração engasgada é esta que me fere os ouvidos?... Que água é esta que me molha o corpo todo? Não é água é sangue, meu Deus!... *(Recuando e avançando horrorizado)* Este homem tem uma ferida no coração! Este grito, oh! é ele! Maldição

sobre o assassino. *(Cambaleia e cai redondamente no chão sem sentidos. No topo da montanha aparece um vulto.)*

(CENA 5)

Haabás e Justina

JUSTINA - *(Embuçada, se encaminha pela pista da montanha até chegar junto à pedra. Não vê Haabás. Beijando uma criança que traz nos braços)* Meu filho! Meu filho! Não, não és meu filho, porque se eu fosse tua mãe, não te abandonaria tão ingrata e cruelmente como não fazem as feras desses matos!... Oh! Fausto! Fausto! Tu me enganaste, vil sedutor, e de tantos nomes de amor e de felicidade que me prometeste um não há que possas dar a meu filho. *(Beija e aperta no seio a criança)* Para evitar o castigo de meu pai e a vergonha de minha fraqueza eu, mãe, venho assassinar meu filho. Venho confiá-lo ao cuidado das feras, dar-lhe por berço uma pedra dura e fria e por teto os rigores do tempo; por esperança uma morte certa e por sepultura a voracidade dos corvos!...!

HAABÁS - *(Haabás levantando a cabeça e apoiando-se no braço)* Que sonho tumultuário que tenho dormido! Quanta figura hedionda mas também quanta promessa de felicidade!... Este suor!... Assassino. *(Cai)*

JUSTINA - Deixo-o ou torno a levá-lo comigo? Meu pai me mataria, mas isso não seria nada contanto que ele vivesse. Mas minha mãe, minha mãe, morreria de dor e de vergonha. *(Aperta o filho no peito e chora)*

HAABÁS - Esta voz!? Não me é desconhecida. *(Levantando-se cautelosamente sem ser visto de Justina que toma o lugar conveniente)* Estarei sonhando? Não, ali vejo uma mulher...

JUSTINA - *(Resoluta)* Pois bem, morra agora o meu filho. *(Colocando a criança sobre a pedra)* Daqui a pouco eu também morrerei. Fausto carregará meu caixão, mas para seu castigo não saberá ao menos o lugar onde morreu seu filho. *(Sai apressada)*

CENA 6

Haabás, só

HAABÁS - Compreendo! *(Avançando)* Coitada! Pobre moça! Desditosa filha de minha boa senhora! Compreendo tudo! *(Aproximando-se da pedra)* O homem nunca está só como se supõe! Este menino, este anjinho tão inocente, já tão desgraçado é o sinal evidente da aliança de Deus comigo! *(Junto da pedra)* Posso pois tomá-lo nesses braços e tomá-lo nesse peito assassino!? Oh! Meus Deus! Pela inocência dessa tão pura criatura vossa sede compassível para com meus crimes! Isso que é o mundo! Eis como na terra se encontram as criaturas de Deus!... No mesmo lugar, perdão meu Deus, em que o escravo logrou esconder bem fundo os sinais de seu crime, a filha do senhor vem, as vistas de todos e do mundo, patentear o fruto de sua eterna vergonha e... *(Tomando a criança nos braços)* Não! Haabás! Tu é injusto: esta criancinha é apenas o

sacrifício da perfídia de um homem imposto à fraqueza fatal de uma mulher! (*Beija-a*) Poderosa criança! Meu pequeno senhor de algumas horas, perdeste vossa mãe, ganhastes um escravo! (*Sai apressadamente*).

PRIMEIRO ATO

A área de uma cabana cuja frente é visível, ao longe árvores, junto à porta um banco.

CENA 1

Pai Felipe - tal é o nome pelo qual trataremos de agora em diante Haabás - ele sai do mato trazendo algumas frutas e dirige-se para casa.

18 ann
depin → FELIPE - Oh! Oh! Que bonito! Não estar aqui o meu Henrique para tirar daqui aquele arapuã! Bonito! Vôou. Também ele é um caçador das dúzias(?), quase nunca traz caça. *(Dirigindo-se para o banco)* Daqui a dois dias essas frutinhas estão maduras. São para ele. *(Deposita-as no banco e senta-se)* Pobre corpo de Pai Felipe! *(Com amargura)* Quando um preto de Nação que apenas tem quarenta e seis anos, está com a cabeça branca e o corpo abatido como o meu é porque tem sofrido muito. *(Pausa)* Fazem justamente dezoito anos!... Foi num dia como este, o sol nasceu por cima daquele monte, numa manhã fresca como esta. ... Haabás, Haabás! Para que te lembrar daquilo que já passou? Se ela, a Mimosa de teu coração, morreu? Não tens tu tua cabana no mesmo lugar em que a mataram? Não fica tua cama sobre aquela que aprouve a Deus que ela dormisse o sono eterno? *(Levantando-se trêmulo)* E quando nessas noites tão compridas como as águas do rio, o fantasma do feitor se levanta amarelo como uma tocha de enterro salpicada de sangue, não vês a ela levantar-se de sua cama, tocar-te nos ombros e cantar-te aquelas cantigas de teu coração? Não ouves ela dizer-te que não chores? Que é feliz? *(Chora)* Vamos vê-la, vamos ouvi-la dizer-me que não chore, porque ela é feliz. *(Com passos vagarosos entra na casa, leva as coisas)*

CENA 2

Vigário Luís trajando hábito de viagem e chapéu de três bicos

→ VIGARIO - Aqui nessa cabana mora o homem mais virtuoso, porque é o que mais sinceramente se tem arrependido de seus pecados que eu conheça. Miserável negro! Dirão por aí alguns orgulhosos e potentados que o virem, entretanto, a quem a batina impôs o dever de considerar a todos como filho, eu abenço a este e censuro aqueles. Este caminho, que se quis errado, ele está plano e limpo de espinhos que nos ferem os pés e rompem os vestidos. Mas, estes matos foram arrancados pelo dente venenoso da serpente insidiosa do vício, está plano mas seus declives e eminências foram nivelados pela baba peçonhenta de Satã... As paixões nos cegam e nos arrastam!... Lá adiante quando já tiverdes caminhado muito, quando a vossos gritos de socorro ninguém vos puder socorrer, porque então estareis muito longe, haveis de sentir pés, cabeça, coração, isso tudo rasgado! E adiante de vossos passos um abismo!... Oh! Que abismo! Meu Deus compadecei-

vos deles! (Pequena pausa em que parece rezar) A bênção do senhor esteja nesta casa. (Batendo à porta)

CENA 3
O mesmo e Felipe

FELIPE - (Apressado e alegre) Meu senhor reverendo vigário! (beija-lhe a mão e quer como que ajoelhar)

VIGARIO - (Levantando-o) Que é isso, Pai Felipe? Agora não é o padre, é o amigo que veio visitar o amigo.

FELIPE - Oh! Meu senhor vigário, quanta honra para um pobre escravo!

VIGARIO - Nem honra nem escravo, é preciso que lhe diga mais uma vez que a honra vem das nossas ações e que escravos somos todos, porém de Deus?

FELIPE - Vossa Reverendíssima, entre.

VIGARIO - Não, quero antes apreciar o fresco dessa manhã.

FELIPE - Vossa reverendíssima espere. (Entra e traz um tamborete)

VIGARIO - Para que isso?

FELIPE - Para Vossa Reverendíssima.

VIGARIO - Estou bem neste banco (Senta-se). Agora sente-se aqui senhor Pai Felipe.

FELIPE - Não senhor, eu estou bem de pé.

VIGARIO - (Levantando-se faz Felipe sentar-se no tamborete) Sente-se homem, senão fico também de pé.

FELIPE - (Obedece) V. Reverendíssima abusa.

VIGARIO (Tomando seu lugar no banco) Então, a quanto tempo não nos vemos? Vocês não tem querido aparecer mais pela vila? Senão me engano faz mais ou menos um ano que lá apareceu pela última vez.

FELIPE - é verdade. S. R. Vigário, os trabalhos, a velhice, além disso é tão longe, trinta léguas.

VIGARIO - é verdade.

FELIPE - Mas V. Reverendíssima por esses lugares é novidade.

VIGARIO - Não deixa de ser. Vou à capital da província visitar nosso arcebispo e ao mesmo tempo comprar alguns objetos de que careço na matriz. E bem vê que passando por esses lados, não era possível deixar de vir vê-lo. Cheguei essa noite e dormi ali embaixo na casa do capelão do povoado.

FELIPE - Sim senhor.

VIGARIO - Agora diga-me você como tem ido. Ninguém desconfia que estas barbas brancas são as de Haabás?

FELIPE - Ninguém, nem os meus parceiros. Quanto aos meus senhores, estes me reputam morto. Contam não sei que história de um cadáver que apareceu no rio e que dizem ter sido o meu. Também tendo, depois que fui obrigado a sair daqui, passado dez anos na casa de V. Reverendíssima onde criamos aquela criancinha, quem suspeitaria?

VIGARIO - E ele como vai? Onde está? Ainda não me veio falar.

FELIPE - Está bom, senhor vigário; agora não está em casa, esta pelo mato caçando.

VIGARIO - E o pai? E a mãe?

FELIPE - Como V. Reverendíssima sabe depois da morte do meu senhor velho, o senhor Fausto casou-se com minha senhora D. Justina mas, segundo me parece, já se esqueceram. Como V. Reverendíssima deixou entender, ela parece que nega.

VIGARIO - *(Interrompendo com um gesto)* Não queria tanto entender, isto é segredo entre mim, ela e Deus. Continue a guardar o seu segredo que faz bem.

FELIPE - Muito me custa, mas como vossa reverendíssima vê, só por minha morte é que se poderá saber. Aqui dentro deste bolso, trago sempre comigo a declaração mais fiel e completa da verdade.

VIGARIO - *(Tirando do bolso)* Tome, dê a ele e leia você também, é um livro muito religioso e moral. É pena que não possa completar a educação daquele menino. *(Ao longe ouve-se a voz de Henrique que canta):*

*Florzinha mimosa
Sozinha no monte
Que sina é a tua?
Qual o teu penar?
Porque a mim
Triste e sozinho na vida
A dor de teu peito
Não quero esconter(?)*

FELIPE - Ouve aquela voz, senhor vigário. É a dele.

VIGARIO - *(Atendendo)* Como canta bem.

Felipe - É verdade, como entristece aquele cantar

*Não vedes, florzinha
Que sou desgraçado
Que vivo no mundo
Mesquinho a cismar
Que os ecos das grutas
Nas asas da brisa
Piedosas te levam
Meu triste chorar?*

*Ah! Tu não respondes
Te esquivas, louçã
Ah! Tu não responde,
Tu és minha irmã.*

FELIPE - Toda a sua vida parece que se resume naquele canto triste e distraído.

VIGARIO - Coitado, admirável tanta poesia numa vida tão rústica.

A voz mais de pertos:

*Fugaz borboleta
Peregrina dos campos
Que vive tão louca no prado a correr
Esperas acaso,*

*Por entre estas flores
Segredos paternos
Feliz entrever?*

*Voaste, tua alma
Seu voto esqueceu
Fugiu-te esperança
Tu és como eu.*

FELIPE - Aquela descrença angélica, sem desespero, meu padre, é a dor mais forte que me rasga o peito. Tão perto da esperança e dos segredos paternos e sem poder tocá-los!...

VIGARIO - Assim é, porém, mais de perto estariam os dois.

a voz mais perto ainda:

*Regato que teimas
Num curso perene,
Que lutas, que vences,
É sempre a chorar,
Que buscas tão longe?
Não bastam-te as flores
Que vêm tuas faces gentis namorar?*

VIGARIO - Bravo! é um talento! Talento perdido!

A voz ainda mais perto

*Quem sabe? Talvez da vida
O primeiro marco procures
Prá poder descansar
Escuta, não corras
Que assim o destino
Na Terra fadou-me
Também a penar.*

(Pouco mais perto)

*Confessa regato
A lei do teu fado
Também como eu
Serás tu enjeitado?*

VIGARIO - Enjeitado. E mal sabe ele que pisa terras de seus pais e que suas palavras serão (sic) muitas vezes ferir os ouvidos tiranos daqueles que lhe deram o ser; daquele que duas vezes o tem renegado.

FELIPE - Assim é o mundo, senhor vigário.

CENA 4

Os mesmos e Henrique que traja calças e jaqueta de brim pardo e um chapéu de palha, semblante pálido, traz uma espingarda.

HENRIQUE - (*Reconhecendo o vigário e encostando a espingarda no canto*) Meu padrinho.

VIGARIO - (*Abrindo os braços*) Meu bom Henrique, meu filho. (*Abraçam-se*)

HENRIQUE - (*Oferecendo um braço a Felipe*) Meu bom pai Felipe. Todos os meu pensamentos, os mais íntimos e os mais extravagantes são todos seus, minhas dores também lhe pertencem. Partilhe comigo deste prazer! A mim! (*Felipe abraça-o de uma maneira a deixá-lo no centro, o vigário alegre e contente*) Dentro de meus braços e bem junto de meu coração tenho agora os únicos objetos que me são caros... Não; se tivesse um terceiro braço quisera também estreitar.

VIGARIO - Quem ,meu filho?

HAABAS - Esta natureza que nos rodeia; sim, vosmecê e o velho Felipe se têm constituído meu pai, ela se há tornado minha mãe!

VIGARIO - Alma pura e generosa. (*Soltam-se do abraço*).

HENRIQUE - Engano meu padrinho, é certo que às vezes me sinto arder a cabeça, bater-me o coração... Tenho desejos, sentimentos!... Que desejos que eu tenho que não sei como dizer... Ressentimentos que eu sinto e só sei sentir!... Mas depois de tudo isso pareço cair num cansaço que me leva a um sono aborrecido e quando acordo reconheço que minha alma não é pura nem generosa, ela é apenas triste, agreste e sem vida, como aquela terra (*indica*) que nunca foi lavrada porque o lavrador sabe que ela é estéril e seca.

VIGARIO - Não continues a te julgar tão mal, tens razão de te supor assim, mas é por isso mesmo uma virtude de sua alma. O homem que se presume está sempre aquém daquilo que se supõe.

HENRIQUE - Criado em vossa casa, recebendo vossa educação e conselhos acostumei-me a julgar vossas palavras e ações como palavras e ações de Deus, por que em tudo...

VIGARIO - Basta. (*A parte*) Esta ingenuidade e santa ignorância rasgam-me o coração. Mudemos de conversa; então o que caçaste? Não te vejo com coisa alguma. Erraste o tiro ou não achaste o que matar?

HENRIQUE - Nem errei tiros nem deixei de encontrar em quem atirar.

VIGARIO - Então o que fizeste filho?

FELIPE - é sempre isto.

HENRIQUE - Junto ao ninho encontrei dois pombinhos encorujados que pareciam apreciar o nascer do sol. Algum dia, meu pai e minha mãe, estando talvez eu no berço, unidos como aquele casal inocente contemplaram os encantos de um romper da aurora xxx comigo, e...

VIGARIO - E... O que fizeste?

HENRIQUE - Deixando de matar os pais, deixei de tornar meus irmãos pela mesma dor aos pobres filhotes que estavam no ninho. Contentei-me em possuir-me um pouco da ventura e pureza daquelas existências.

VIGARIO - (*A parte*) Sou muito pobre, senão teu talento não havia de perder-se assim. (*Alto*) Bom, muito bom. Pai Felipe entrega-lhe o presente que lhe destinei.

FELIPE - Eis aqui. (*Entregando um livro*)

HENRIQUE - *(Considerando no (sic) livro)* Muito obrigado meu padrinho.

VIGARIO - Agora fiquem com Deus vocês.

HENRIQUE - Pois já, padrinho? Eu supunha que ...

VIGARIO - Assim é preciso; anda, tu irás comigo até a casa do padre capelão.

HENRIQUE - Pois não, meu padrinho.

VIGARIO - Meu bom Pai Felipe, adeus. *(Aperta-lhe a mão, e ele beija a do vigário)*

CENA 5

Felipe, só

FELIPE - Decididamente aquele homem é um santo. Pesares, tristeza *(Subindo a voz)*, pobreza, remorso... Tudo o que nos pode atingir torna-se consolador a seu contato e amor. Deus te dê a vida e saúde para bem dos que sofrem santo padre... Enquanto me julgou criminoso foi para comigo severo, impôs-me fortes penitências. Hoje, que me julga curado de meu crime, nem mais nisso me toca. Com que amor trata ele ao meu pobre filho!... Meu filho sim! Prometi ser seu escravo em troca da mãe que perdeu, mas essa mãe hoje diz que não perdeu filho algum!... E o pai?! Oh! Neste homem a natureza mentiu! Tem ao filho uma aversão de morte e até diz que há de mandá-lo para a tropa, veremos; quem sabe... quem sabe... *(reflete)* Vamos, senhor felipe, vamos ver a roça que está precisando de limpa, aqueles alugados são uns vadios. *(entra e sai com um chapéu de baeta ou palha na cabeça e uma foice na mão)* Em outro tempo isto era para mim mais leve que um palito, hoje pesa mais que um tronco! Nã fazenda quem era mais trabalhador que eu? Eu era forte, alegre, cantava no serviço. Mimosa trabalhava junto a mim, com sua voz de sabiá, acompanhava minhas cantigas!... Hoje *(Dá um prolongado suspiro e deixa a foice cair no chão)*

JANOTADO A MÃO PELO AUTOR: Aqui deve entrar um cena qualquer, alugados etc, para tornar menos curto o espaço de tempo]

CENA 6

O mesmo e Maria

MARIA - *(Apressada traja um vestido de montaria)* Pai Felipe, Pai Felipe.

FELIPE - *(Cumprimentando)* Minha senhora, o que ordena?

MARIA - Venha ande depressa, ande.

FELIPE - O que é minha senhora, o que aconteceu?

MARIA - *(Aflitíssima)* Corra, pelo amor de Deus, venha ver, ele... ele!

FELIPE - *(Obcecado)* Ele quem?

MARIA - Ele, o senhor Henrique.

FELIPE - *(Saindo)* Meu Deus, o que será?

CENA 7

Felipe, Maria e Henrique depois de curtíssima demora. Henrique sujo de terra apoiado em Felipe

HENRIQUE - Não é nada. *(Passando com amor a mão sobre o ombro do velho)* Não é nada.

FELIPE - Mas diga-me como foi que isto aconteceu.

MARIA - *(Tira um lenço limpa a mão esquerda de Henrique)* Eu conto. *(Tratando de ligar a mão com o lenço)* Permita senhor Henrique. *(Henrique consente)* Eu, meu pai e minha mãe saímos para fazer uma visita ao senhor vizinho que é meu padrinho. Montei-me primeiro e, descuidadamente, cheguei a perdê-los de vista, quando meu cavalo tomou as rédeas e partiu desembestado. O senhor Henrique, que seguia adiante de mim, sentindo o barulho, volta-se e vê o meu perigo... Mil vezes tivesse eu caído e não tivesse ele sofrido este incomodo...

HENRIQUE - Mil vidas tivesse eu para perder salvando a senhora D. Maria.

FELIPE - E então minha senhora?

MARIA - Então o senhor Henrique joga-se sobre o cavalo segurando-o, não sei bem, se pelo pescoço ou pela brida, o cavalo detém-se espantado e eu pude sem perigo saltar da sela. O senhor Henrique não pode sustentar-se em pé como choque; caiu sobre o valo. A princípio julguei-o morto, porquanto ficou sem sentidos.

HENRIQUE - Foi justamente isso, mas não foi nada.

MARIA - *(Já que tem ligado a mão de Henrique tira ao pescoço um lenço para fazer uma tipóia)* Não foi nada, mas o senhor feriu-se e parece até que deslocou a mão.

HENRIQUE - Obrigado, minha senhora, não é preciso a tipóia, eu não sinto mais coisa alguma.

MARIA - *(Passando-lhe o lenço sobre o pescoço)* É preciso, é impossível que o senhor não esteja muito doente.

① → HENRIQUE - *(A parte)* Estou amando esta moça.

FELIPE - Acho preciso da tipóia, mas minha senhorinha guarde seu lenço. Eu tenho um aqui que...

MARIA - Ora, obrigada Pai Felipe. O senhor Henrique não pode arriscar sem proveito algum sua vida para salvar a minha. Posso ocupar um triste lenço para curar a mão benfeitora que por amor a mim enfrentou a morte? Se lhe parece que não devo me mostrar reconhecida a tão generosa dedicação?

FELIPE - Em consciência minha iaiazinha os corações bem formados devem obrar assim.

MARIA - Então não me ofenda supondo que o meu é mau.

HENRIQUE - Não é ofensa, senhora D. Maria, é que era necessário, a senhora tem um coração bom demais.

FELIPE - *(A um depois a outro)* Boa ação meu senhor Henrique. Muito bem minha senhora D. Maria.

MARIA - Obrigada, Pai Felipe.

FELIPE - Não me trate assim, eu não sou seu senhor. *(Enternecido, à parte)* Não sou senhor!...

Os mesmos, Fausto e Justina

FAUSTO - *(Aspero)* Que faz a senhora aqui? Por que razão deixou seu cavalo à toa por esses campos? Ande a senhora que aqui não é casa de seu padrinho. Passe!

MARIA - *(Perturbada)* O cavalo partiu desembestado comigo. A não ser que senhor Henrique que, com risco de vida o segurou na carreira, eu teria talvez morrido. Ele, como vsmecê está vendo, ficou bastante ferido e eu ...

FAUSTO - E eu? Eu o que? Já podia ter-se montado. Não houve razão para demorar-se tanto!

MARIA - Esperava vsmecê e minha mãe.

JUSTINA - *(dirigindo-se para Henrique)* Foi o senhor, senhor Henrique que salvou a minha filha?

HENRIQUE - Eu não salvei sua filha, , minha senhora, eu apenas detive o cavalo.

JUSTINA - Isso mesmo. O senhor sofreu muito, deixe-me ver sua mão.

HENRIQUE - Não minha senhora, eu nada sofri. A senhora D. Maria já teve a bondade de passar-me esse lenço.

FAUSTO - *(à parte)* Ligar sua mão e gastar dois lenços!

MARIA - Quase morreu, minha mãe. Caiu e ficou sem sentidos.

JUSTINA - Coitado. Muito obrigada lhe ficamos, senhor Henrique.

FAUSTO - *(Agastado)* Está muito bom, basta! E para outra vez a senhora não se fazer de forte e obrigar-me a gastar dinheiro à toa... *(à Henrique, dando-lhe o dinheiro)* Tome, não quero que diga que não lhe pagamos seu trabalho. Fica bem pago.

FELIPE - *(mostra-se incomodado)*

HENRIQUE - *(Com dignidade)* Bem pago! O Sr. Fausto enganar-se; esse dinheiro, nem para mandar dizer missas para as almas de meu pai e minha mãe eu receberia. *(Fausto ri-se com desprezo)* Se o senhor supõe que quando o risco de minha vida eu me aventurei a salvar a de sua filha, foi mirando a recompensa, está enganado. Minhas ações não se regulam pelo interesse. Minha vida, eu a jogarei por bem pouco, nunca por dinheiro.

FAUSTO - *(A Felipe)* Visto que aquele nobre ricoço insultar-me quando lhe dou o dinheiro, tome guarda que mais logo quando a necessidade entrar pela porta da rua e a vergonha sair pela do quintal, ele há de receber.

MARIA - *(A parte)* Meu Deus, meu pai como é injusto!

FELIPE - *(Com dignidade)* Não fui autorizado a receber esse dinheiro. Não recebo. Perdão senhor, ainda mesmo que fosse, não receberia. Por que se a necessidade entrar pela porta da rua, há de ficar dentro de casa com a vergonha; a vergonha não há de sair pelo quintal, eu lhe juro, meu senhor.

FAUSTO - Desaverganhado! Tu sabes com quem está falando?

JUSTINA - Fausto!

FAUSTO - Deixa-me senhora. A senhora vê que estes patifes me insultam e quer que eu sofra calado!

FELIPE - Pode dizer o que quiser, meu senhor, mas nós não o insultamos.

FAUSTO - *(Atira o dinheiro junto a Henrique)*

MARIA - Meu pai!

FAUSTO - Estou bem certo que quando eu der as costas há de apanhá-lo.

HENRIQUE - *(Com o pé, tirando o dinheiro)* Podes insultar, estas senhoras e aquele bom velho que me tem servido de pai, privam-me de dar-lhe a resposta devida. Apanhe o dinheiro que bom julgador não é o que julga os mais por si.

Fausto avança irado sobre Henrique, Justina interpõe-se e Henrique, muito a sangue frio, com a cabeça comprimente as senhoras e vai postar-se junto ao portal da cabana.

JUSTINA - Prudência Fausto!

FAUSTO - Sim, se não fosse ainda esta noite ter o senhor vigário Luis reformado o arrendamento, eu mostraria já como o fogo e o machado; haviam de ser prudentes.

FELIPE - Seja pelo amor de Deus.

FAUSTO - E é mesmo pelo amor de Deus que eu sofro e não me vingó. Mas demos tempo ao tempo que aquele biltre há de me pagar.

HENRIQUE - *(A parte)* Não é crível que aquele homem seja o pai daquele anjo.

FAUSTO - *(A Maria)* Muito obrigado eu lhe fico senhora Maria! Passe! Vamo-nos dessa senzala. *(Saindo, Maria e Justina o seguem, antes porém de sumirem-se, tímidas com a cabeça, cumprimentar Henrique e Felipe).*

MARIA - *(A parte)* E além de reconhecida, não estou querendo bem àquele moço. (?)

Felipe durante o final da última cena tem-se conservado de braços cruzados, imóvel.

CENA 9

Os mesmos, menos Fausto, Justina e Maria.

HENRIQUE - Almas fracas e pobre como este papel. *(apanha o dinheiro)* Desculpe pai Felipe que minha imprudência haja acarretado as iras daquele homem.

FELIPE - Não, pelo contrário, o procedimento do meu Henrique só serviu para encher-me de orgulho.

HENRIQUE - *(Triste)* Obrigado, pai Felipe.

FELIPE - *(Satisfeito)* Nada de tristeza. *(Suspende Henrique nos braços por vezes, muito bem)* Quero vê-lo sempre assim, XXXX, sempre nobre! *(Henrique encosta a cabeça sobre o ombro de Felipe. Este quieto, fingindo-se contente, interroga-o com o olhar.)*

HENRIQUE - *(Desligando-se)* Triste! Triste!...

FELIPE - O que? Está triste o meu Henrique?

HENRIQUE - *(A parte)* Ela... *(Alto)* Não sei. Não estou triste, pai Felipe.

FELIPE - *(Afastando-se de Henrique. A parte)* Que sentimento novo agita aquele espírito? Meu Deus, será a natureza que o filho denuncia o pai?

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

A mesma cena do prólogo

CENA 1

HENRIQUE - *(Colhendo flores ao sopé da serra)* É estranhável o que dizem os livros e os jornais com a vida que passo aqui nessas brenhas e solidão. O que não será este mundo que vive tão longe de mim? Entretanto se algumas vezes sinto-me triste e invejoso por não conhecê-la, quase sempre sinto-me feliz com a amizade de meu velho Pai Felipe e alegre com os carinhos e amizade de Maria, a quem o coração somente me diz que chame irmã. Na verdade o que haverá Deus feito de mais belo que o seu semblante, de mais puro que o seu coração, de mais gracioso que os seus modos distraídos e inocentes como o esvoaçar singelo do passarinho no bosque por essas horas sombrias da tarde? Que encanto não tem estas conversas, que longe das vistas de seus pais nos entretém algumas vezes no meio destes campos?!... Hoje ela tem demorado muito, necessariamente não a verei mais. Vejamos porém o que diz esta flor. *(Colhe ou serve-se de uma que tem na mão)* Vem, não vem; vem, não vem; vem, não vem *(E vai arrancando mais algumas pétalas)* Não vem! *(Atirando as flores)* Talvez que lá, onde quer que esteja, escute ela meu adeus:

Fagueiras brisas da tarde do bosque, termos cantores
 Não vedes no prado ao longe, vestida de niveas cores?
 Não vedes a meiga fada, mimosa virgens de amores?
 Pois bem gentis avezeinhas, fagueiras brisas voltai
 Passando junto dela saudosas vozes soltai
 Baixinho aos ouvidos castos, um terno adeus modulai.

(Em seguida no mesmo tom, Maria canta no topo da serra)

Da despedida, os adeuses; da saudade o ansiar
 Não leves aves e brisas, que aqui mesmo eu vim buscar

(Henrique, rindo-se de prazer, escuta o canto de Maria, a qual apressadamente, desce a serra)

CENA 2

Henrique e Maria

MARIA - Henrique!

HENRIQUE - Maria!

MARIA - Então supunha que hoje não nos veríamos? *(Dão-se as mãos)*

HENRIQUE - Sim, tanto que já lhe tinha dito meu adeus.

MARIA - *(Tirando o chapéu de Henrique e endireitando-lhe a fita)* Mas, em que pensava você aqui sozinho?

HENRIQUE - Em muita coisa.

MARIA - *(Colocando o chapéu na cabeça de Henrique e sentando-se na pedra)* E o que era? Me diga.

HENRIQUE - Pensava neste mundo que nós não conhecemos.

MARIA - Na verdade nós não conhecemos o mundo?

HENRIQUE - Qual! Nós só conhecemos o povoado, a fazenda, o rio e as plantações.

MARIA - *(Indicando numa pedra um lugar junto a si)* Sente-se aqui.

HENRIQUE - Não, estou bem. Tome esta flor, é bonitinha como você.

MARIA - *(Cheirando a flor)* Mas diga-me sempre, o que é o mundo?

HENRIQUE - Eu também não sei. Pai Felipe é que tem dito alguma coisa e outros tem lido nos livros e jornais que meu padrinho me dá.

MARIA - Conte isso mesmo.

HENRIQUE - No mundo há cidades, impérios, repúblicas, pontes, palácios, o mar, a África, terra de Pai Felipe, navios, caminhos de ferro, gazetas e outras muitas coisas que me fazem pensar dias inteiros. O próprio Pai Felipe que tem andado pela cidade me diz muitas vezes que ele mesmo não conhece o mundo.

MARIA - Como não há de ser isso tudo bonito.

HENRIQUE - é verdade, mas Pai Felipe diz que há muita coisa ruim e feia também.

MARIA - *(Com toda a ingenuidade)* E era só nisso que você pensava?

HENRIQUE - Pensava, mais que tudo, no nosso bom Pai Felipe, pensava na cabana, nos campos, no rio, nas flores, nesta pedra, em meu padrinho, só não pensava em você.

MARIA - Ingrato! Pois eu, invés de pensar em tudo isso, só pensava em você.

HENRIQUE - E eu não; porque já não penso e nem vivo por mim só. Penso e vivo por você, entretanto...

MARIA - Entretanto o quê?... O que é que lhe aflige?

HENRIQUE - Nada.

MARIA - Nada não. Diz que pensa de mim e não quer dizer o que pensa. Está triste e não diz porque.

HENRIQUE - *(Com esforço)* O seu pai, Maria, me aborrece. Eis o que me aflige.

MARIA - *(Tomando as mãos de Henrique)* Sim, ainda hoje xxxxx xxxxxx desfazer-me de suas vistas para vir até aqui. *(Fausto e Justina aparecem no topo da serra conversando entre si, cautelosamente vêm descendo)*

HENRIQUE - Você me quer iludir, Maria, ainda hoje seu pai falou talvez muito mal de mim, não?

MARIA - Mas eu lhe peço Henrique, não queira mal a ele.

HENRIQUE - Por seu respeito que ofensas não esqueceria?

MARIA - Obrigada.

HENRIQUE - Obrigado quero eu lhe ficar com um favor.

MARIA - E teme em dizê-lo, receia que eu não seja capaz?

HENRIQUE - Não, é que esse pedido é para mim difícil. Escute. Para ver-nos é preciso ser às escondidas, esqueça-se de

mim, Maria, porque um dia pode ele nos encontrar e ...
(ajoelhando-se aos pés de Maria)

CENA 3

Os mesmos, Fausto, Justina, Felipe e José Moçambique.

FAUSTO - (Apontando uma pistola) XXX, tire esses miolos com a poeira do chão, desgraçados.

MARIA - Oh!

FELIPE - (Saindo apressado do mato, pondo-se entre os dois) Primeiro este preto velho, senhor!

HENRIQUE - (Com calma) Poupai-o senhor, ele nada nos fez; é um velho inofensivo, apontai seguro neste peito

JUSTINA - Fausto, pelo amor de Deus! (Detendo-se, ajoelha-se aos pés).

MARIA - (Ajoelhando-se também) Perdão, meu pai. (Há um pequeno silêncio em que todos se olham, Felipe procura se colocar sempre de maneira a resguardar o corpo de Henrique)

FELIPE - (Grave) Serei eu quem rompo o silêncio! (Maria e Justina levantam-se) Se tendes que disparar essa arma senhor, que seja eu a vítima, depois tirai deste bolso (Indicando) o segredo de minha vida e o remorso eterno da vossa.

FAUSTO - Miserável! (Procurando apontar sobre Henrique) Não mais...

FELIPE - (Composto) Suspendei senhor, em mim matai(?) (Carregando na voz) Assassinaí o miserável negro! Mas não queirais na pessoa daquele (Indicando Henrique) praticar um crime mais horrível que o de Caim matando Abel. (Avança sobre Fausto, toma a pistola nessa mesma ação dispara e arremessa no chão) Já não é mais possível, quebrei meu juramento!

FAUSTO - (Enfurecido) Negro! negro! Tu és o demônio!

FELIPE - Bem, não ouse impedir, nem mais um tento, apanhai essa arma carregai-a e (Pausadamente) disparai-a. Disparai-a se poderdes sobre vosso filho!

JUSTINA - (A parte) Filho dele!

MARIA - (A parte) Meu irmão!

HENRIQUE - Que! Seu filho? Não aceito o sacrifício, bom Pai Felipe, meu pai... morreu.

FELIPE - Não, senhor, ei-lo (Indicando).

FAUSTO - Eis o que faltava! Na verdade é curioso. Se ele é meu filho como consentiste que outro dia fosse seu pai por ele insultado?

FELIPE - Bem dentro do peito senti a luta dessa horrível colisão. Preferi que o filho, repelindo, insultasse o pai a que não conhecia a que se humilhasse diante de outro homem.

HENRIQUE - Pai Felipe, eu o desconheço, o seu espírito...

FELIPE - Já não pode tanto sofrer e por isso quebrou seu juramento.

FAUSTO - (Confuso) Se ele é meu pai (sic), como consentes que tenha entrevistas deste tipo com Maria? Não consideraste, demônio, as conseqüências funestas? Compreendo, queres por este estratagema...

FELIPE - Perdão, estratagemas é talvez o vosso, falta de consideração (*Carregando na voz*) foi a vossa. Eu conheço a pureza dessas relações...

FAUSTO - Embusteiro, não me masses a paciência, isso nada prova.

HENRIQUE - Não senhor, não tendes razão para o ofender.

FELIPE - Prova? A Providência, que desta pedra fria há vinte anos o tomou para esses braços.

JUSTINA - (*Espantada*) Vinte anos! desta pedra? Será possível?!

FELIPE - Sim, minha senhora! A Providência que a vinte anos o tomou- desta pedra fria para estes braços não o tem abandonado nem na hora do esquecimento do sono. Esta Providência estava ali (*Apontando o lugar de onde saiu no princípio da cena*).

JUSTINA - (*Agitada*) OH! Sim! Nesta pedra! Vinte anos!

FAUSTO - (*Grave, detendo Justina que se encaminhava para Henrique*) Detenha-se senhora. A época dos falsários e cavaleiros de indústria. (*Confuso*) Se é certo o que diz conta-o com cores da verdade, nada de mistério.

FELIPE - Mistério!... Eu conto. XXX XXXX anos a lua começava a esconder-se por trás daqueles montes...

JUSTINA - (*Impaciente*) Sim! isso mesmo!

FELIPE - Uma moça com os cabelos soltos e chorosa desceu esta montanha. xxxx, xxx pedra desesperada, beijou a criança...

JUSTINA - (*Transportada*) Para mim não há dúvida, é ele, meu filho!

FAUSTO - (*Detendo-a*) Ainda não, senhora. (*A parte*) Será possível? Ele meu filho? (*Alto, a Felipe*) Continua, até aí é a mesma história.

FELIPE - é justo, este drama deve acabar por onde começou. (*Aproxima-se da pedra e tira uma faca carcomida debaixo dela*).

FAUSTO - (*A parte*) Estou humilhado, eu bem me recordo, é meu filho!

FELIPE - (*Com a faca na mão*) Agora minha história. Esta pedra dos mistérios! No mesmo dia em que se passou o que acabo de contar, tinha antes um coração desumano, morto na surra de uma filha da África!... Mimosa!

FAUSTO e JUSTINA - Mimosa!

FELIPE - E José Haabás, seu marido, tinha também com este ferro morto o feitor.

JUSTINA - Haabás!

FAUSTO - Compreendo tudo.

FELIPE - Sim meus senhores, eis vosso escravo fugido há vinte anos! Eu era quem estava escondido ali, quando uma mãe enjeitou seu filho! (*Indica o lugar correspondente. Encaminha-se para Fausto e Justina, em ação de ajoelhar-se*).

JUSTINA - (*Sem atender a Felipe*) Fausto, já não há dúvida, abracemos nosso filho!

FAUSTO - (*Obedecendo*) Meu filho!

HENRIQUE - (*Repelindo-os com as mãos*) Não! (*Abraçando-se ao pescoço de Felipe*) Enquanto meu velho Felipe for um escravo, não terei outro pai nem outra mãe.

FELIPE - Boa e generosa criança.

JUSTINA - Haabás, és livre!

FAUSTO - E eu Haabás, dou-te o sítio em que moras com todas as suas terras.

HENRIQUE - *(Soltando-se dos braços de Felipe)* Minha mãe, meu pai!

FAUSTO e JUSTINA - *(Abraçando-o)* Meu filho!

MARIA - *(A Henrique)* Meu irmão!

HENRIQUE - *(Soltando-se dos pais e abraçando-a)* De a muito meu coração já tinha dado xxx xxxx. Agora abracemos também o nosso velho e bom Pai Felipe.

MARIA - Sim, o velho e bom Pai Felipe.

FELIPE - *(Preocupado)* Está terminada a minha missão na terra.

HENRIQUE - *(Aproximando-se com Maria)* Não, porque seu Henrique carecerá sempre de seu Pai Felipe.

FELIPE - *(Triste e resignado)* Não precisareis mais de mim... Se ao escravo pudeste restituir a liberdade, ao pobre dar uma riqueza que ele não precisa, ao criminoso ninguém poderá absolver o crime. *(Vai ferir-se com a faca).*

JOSÉ MOÇAMBIQUE - *(Atirando ao lado a foice com desarmado(?))* Não! Não foi isto que Haabás ensinou na noite do crime e do mistério!... *(Imponente e trêmulo apontando para o céu)* Ele não quer que nós nos matemos, nem matemos aos outros!

FELIPE - *(Deixando cair a faca)* Abraçando a Moçambique. Vejo, meu irmão, que o pai dos homens lançou sobre ti a bênção divina... *(Choroso)* Essas lágrimas são de alegria... tu és um homem além de um mártir.

JOSÉ MOÇAMBIQUE - *(Calmamente e saudoso)* Eu não é homem, é negro. Não é mártir, é escravo... Lá onde não há Cristo, Moçambique era guerreiro; lá, onde não há justiça, Moçambique era livre, como a água dos Zambeze.

HENRIQUE - *(Comovido, indicando os dois)* Compreendes, Maria? Oh! Não podes compreender mesmo!... é a cruz de Cristo que ainda se arrasta pelas ruas de Jerusalém vendida.

FIM